manchete

Público

06-09-2022

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Pagina(s): 14

MP recorreu à Relação para proteger alegadas vítimas dos irmãos iraquianos

Yasir e Ammar, dois iraquianos de 33 e 35 anos, que alegadamente pertenciam ao movimento jihadista Daesh, foram acusados de adesão a organização terrorista e de crimes de guerra contra as pessoas

Sónia Trigueirão

ENRIC VIVES-RUBIO

Yasir e Ammar estão actualmente em prisão preventiva no Estabelecimento Prisional de Lisboa

Foram 14 as testemunhas que identificaram os dois irmãos iraquianos, Yasir e Ammar, de 33 e 35 anos, como elementos da polícia religiosa ou de costumes do autoproclamado Estado Islâmico (EI), a Hisbah, em Mossul, no Iraque, e que descreveram os actos de tortura, de invasões de propriedade e de destruição de bens alegadamente levados a cabo por ambos.

Estes testemunhos foram, segundo o Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP), cruciais para o processo de investigação que culminou agora com a acusação por crimes de adesão a organização terrorista e de guerra contra as pessoas. Yasir e Ammar foram detidos em Portugal, no dia 1 de Setembro de 2021, pela Unidade Nacional de Contraterrorismo da Polícia Judiciária.

Segundo o que descreve a procuradora do Ministério Público (MP) na acusação a que o PÚBLICO teve acesso, não foi tarefa fácil manter secreta a identidade das testemunhas. Houve fugas de informação que levaram a que familiares e Yasir e Ammar, no Iraque, soubessem a identidade dessas testemunhas e as tenham, alegadamente, tentado intimidar.

Perante esta ameaça, o MP solicitou a imediata aplicação de medidas de coacção complementares aos dois irmãos, que estão em prisão preventiva desde 1 de Setembro de 2021. O MP pediu a proibição de contactos telefónicos e de envio e recepção de correspondência, para impedir que Yasir e Ammar comunicassem com os familiares no Iraque, ainda que por interposta pessoa. Este pedido terá sido recusado pelo juiz, uma vez que o MP sublinha que as medidas de coacção que solicitou vieram a ser aplicadas, após recurso, por acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa.

Mesmo assim, a identidade das testemunhas, apesar de terem nomes de código, continuou a ser revelada. Entre Maio e Junho de 2022, a equipa especial de investigação das Nações Unidas que se dedica aos crimes perpetrados pelo Daesh, relatou mais ameaças às testemunhas quando estas iam prestar os depoimentos para memória futura. "De facto, várias foram as testemunhas que relataram essas intimidações quando foram inquiridas em Declarações para Memória Futura e vários foram os intervenientes processuais, de diferente natureza, que reportaram, ao longo de todo o processo, medo e receio pela sua intervenção nos autos, recusando-se, muitas vezes, a indicar nomes de outras testemunhas", lê-se na acusação, que revela que foi extraída certidão para investigação do crime de violação do segredo de justiça.

Além dos testemunhos, segundo a acusação, foram também fundamentais para o desenrolar da investigação a obtenção, junto das autoridades iraquianas, de documentos originais do Estado Islâmico, relativos a um processo que correu no Tribunal Religioso do Estado Islâmico, contra uma das alegadas vítimas da concreta actuação destes dois arguidos, enquanto membros daquela organização terrorista.

Os irmãos chegaram a Portugal em 2017 com um pedido de protecção internacional

Os dois irmãos são ainda visados num processo-crime no Iraque, no âmbito do qual o Tribunal de Investigação em Assuntos de Terrorismo de Mossul emitiu mandados de detenção.

A fuga de Mossul

Segundo a acusação, "foi em Março de 2016 que, antevendo a derrota do Estado Islâmico a que pertenciam e procurando furtar-se a eventuais retaliações pelo facto de serem muito conhecidos pela população de Mossul, nomeadamente pela população do bairro de Al Zuhur, como membros do Estado Islâmico e pelos factos por si praticados enquanto membros daquela organização, à semelhança de outros membros do Estado Islâmico na mesma data", os arguidos fugiram de Mossul.

Foram para a Turquia, sempre ajudados por elementos do EI e chegaram à Grécia. Neste país, foram entrevistados pelas autoridades e tratados como refugiados. Terão, segundo o MP, mentido sobre o motivo da fuga, sobre a forma como o fizeram e até sobre a número de irmãos que tinham. "Yasir e Ammar não queriam ser identificados como irmãos de Fouad Ameen e de Fares Ameen, ambos do mesmo clã Al-Kuyam, por receio de que estes já estivessem referenciados pelas autoridades gregas como membros do Estado Islâmico", lê-se na acusação, segundo a qual, Fouad Ameen está em paradeiro desconhecido e é procurado pelas autoridades iraquianas.

Os irmãos ficaram na Grécia um ano até que, a 29 de Março de 2017, vieram para Portugal no âmbito do Programa de Recolocação de Refugiados e na qualidade de requerentes de pedido de Protecção Internacional. Também terão mentido quando foram entrevistados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Segundo o MP, os dois deram versões diferentes das que já tinham contado às autoridades gregas. Mas, enquanto aguardavam por uma decisão definitiva sobre o pedido de protecção ao Estado português, terão sido identificados por iraquianos, alegadas vítimas de ambos e a residir em Portugal, que os denunciaram. As autoridades portuguesas passaram a seguir com atenção os seus movimentos e acabaram por encontrar, numa página de uma organização iraquiana numa rede social que denuncia elementos do Daesh, vídeos e outras imagens onde aparecem Yasir e Ammar.

As autoridades consideraram particularmente relevante um vídeo onde se vêem combatentes do EI. As autoridades identificam durante sete segundos Yasser, que surge em clima de festejo, a participar numa acção de propaganda e apologia à nova moeda fiduciária do EI.

Ammar e Yasir estão actualmente em prisão preventiva no Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.